XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

Projeto Minha Casa Minha Vida – Entidades e Movimentos de Moradia de São Paulo.

Autora: Ana Clara Andrade Melo.

Resumo

O principal objetivo deste projeto foi observar a construção de uma comunidade que se engaja coletivamente na luta por seus direitos. As pessoas implicadas nesse processo são um grupo de famílias contempladas pelo Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades, organizadas por um Movimento de luta por moradia que atua na Zona Leste da cidade de São Paulo. As famílias contempladas participam ativamente da construção dos empreendimentos e por isso convivem há anos nos canteiros de obras, tomam decisões, criam laços. Uma das decisões que cabe ao coletivo é sobre os usos do Centro Comunitário. Esse processo de decisão nos diz muito sobre a complexa organização do trabalho na obra. Nesse contexto, o *tempo de obra* é um importante código social: organiza relações no mutirão, além de ser acionado pelos diferentes agentes na defesa de seus interesses e valores. Diante desse quadro, a pergunta que nos guiou foi “O que as discussões e decisões sobre o Centro Comunitário dizem sobre a potencial formação de uma comunidade no mutirão J.M.Amaral e Florestan Fernandes?”

Palavras-chave:

Tempo de obra, famílias, mutirantes, obra, Centro Comunitário, comunidade.

Introdução

No decorrer da pesquisa os objetivos foram modificados: de um estudo de ampla escala sobre a articulação do Programa Minha Casa Minha Vida – Entidades, passamos ao estudo de um caso específico do programa. Essas mudanças foram acompanhadas do alargamento do método, que além das previstas análises bibliográficas, contaram com idas à campo, entrevistas informais e coleta de documentos, no bojo do método etnográfico.

Desde 2009 são construídos os prédios que compõe os dois empreendimentos, José Maria Amaral e Florestã Fernandes. As mais de 398 famílias envolvidas na construção devem participar de uma série de atividades e de decisões coletivas. Entre 2015 e 2016 nos propomos a acompanhar algumas discussões sobre os usos dados a um espaço coletivo entre as duas obras, o Centro de Convivência. Acompanhar essas discussões nos permitiram perceber a riqueza das relações tecidas na obra. Há dissenso, discussão, afetos. Dessas relações o *tempo de obra* é um código implícito e importante.

Resultados e Discussão

As modificações feitas foram frutíferas pois nos abriram para um leque de outras questões e perspectivas. Elegemos a questão sobre a construção de comunidade que luta por seus direitos. Essa questão privilegia dois elementos: quais os efeitos do longo tempo de espera ativa das famílias nas relações estabelecidas entre elas e nas decisões que devem tomar; e o não consenso como característica dessas relações.

A adoção da etnografia política como metodologia foi fundamental. A partir dele tivemos acesso a um vasto

material, que nos permitiu perceber os significados e códigos das relações cotidianas. Tentamos compreender como esses códigos influenciam (ou não) na consolidação de noções sobre a política. A noção de comunidade que luta por direitos foi a nossa noção chave. Concluímos que a disposição das famílias para compor essa comunidade depende de como elas vivenciaram o *tempo de obra*.

Conclusão

O *tempo de obra* não é apenas cronológico, mas também têm efeitos subjetivos: é usado para legitimar falas, molda a maneira como as famílias vêem umas as outras e a *vizinhança*. É a condição de pertencimento a obra dentro da estrutura estabelecida pela *Leste*. Nesse bojo, a comunidade que é formada é perpassada de diferenças, não é unânime ou uníssona. Reflete a riqueza das relações de longo prazo de pessoas engajadas na realização de uma necessidade, de um sonho, a casa própria. E que constróem muito mais ao longo do caminho.

Agradecimentos

Agradeço ao órgão de fomento CNPq pelo financiamento que possibilitou essa pesquisa. E também a orientação cuidadosa e paciente de Luciana Ferreira Tatagiba e Karin Blikstad. Todo meu respeito e agradecimento às famílias do José Maria Amaral e Florestã Fernandes. Por fim, muito obrigada também a *Leste* que me permitiu conhecer essa experiência.